

RELATO DE PESQUISA - EIXO 1 - PRÁTICAS E SABERES QUE VÊM DAS
MARGENS

ENTRE PEDRAS, PEDESTAIS E CAMINHOS: ROTEIRO TEATRAL

Rafael Afonso Da Silva (raafonso@unicamp.br)

Ramoel Massi Mariano (ramoel.massi@gmail.com)

Helen Shirley Lelis Andrade (h171784@dac.unicamp.br)

Gina Monge Aguilár (ginama@unicamp.br)

Marcelo De Santa Rosa Oliveira (masro@unicamp.br)

Maynã Pêgo Martins (maynamartinsca@gmail.com)

Emili Sizenando Pego (emili.sizenando2001@gmail.com)

Katia Paz (k258634@dac.unicamp.br)

Diwarian Pêgo De Souza (d257775@dac.unicamp.br)

Ellem Raquel Assunção Da Silva (e165773@dac.unicamp.br)

A proposta é apresentar/publicar o roteiro da peça “Entre Pedras, Pedestais e Caminhos”, concebida não somente como produção artística, mas como dispositivo de pesquisa. O roteiro foi construído coletivamente por pesquisadoras(es) indígenas e não indígenas das áreas de Artes Cênicas, Pedagogia e Saúde Coletiva. Dar forma cênica a episódios de racismo cotidiano vividos por estudantes indígenas – preservando a densidade e a intensidade com que foram narrados – foi o propósito da peça, elaborada com

base em entrevistas com estudantes indígenas da graduação e nas vivências das(os) roteiristas.

Sua narrativa tem como fio condutor um trio de estudantes indígenas em busca de um local na universidade para filmar um documentário. Como esse trio, a peça – e a pesquisa da qual faz parte – procura um lugar no cenário universitário para mostrar o que a “cultura eurocêntrica e branqueocêntrica” (Baniwa, 2019) dominante nesse espaço aloca nos bastidores, algo que é altamente visível no ponto de vida dos sujeitos que essa cultura localiza nas margens e invisibiliza: o racismo cotidiano. A obra evidencia também formas pelas quais esses sujeitos enfrentam o racismo, ocupando e retomando suas trajetórias e a própria universidade através da produção de “response-abilities”, de capacidades de resposta coletivamente compostas na constituição de redes de solidariedade, afeto, cuidado, conhecimento e ação.

A própria peça foi projetada como gesto de cuidado e revide das margens. Falar das margens desde as margens é imaginar perguntas que sujeitos do “centro” talvez sequer possam conceber. É formular questões que desestabilizam “a autoridade colonial do centro” (Kilomba, 2019). É uma prática de transformação, do mundo e de si, um gesto de reinvenção, de fazer-se de novo, criando outras configurações possíveis de conhecimento e de poder-estar-no-mundo. Foi assim que a peça foi acolhida pela audiência indígena de sua primeira apresentação.

Palavras-chave: racismo cotidiano; universidade; pesquisa-criação; epistemologias das margens; cuidado; resistência indígena.